

Ele disse: o que praticou a misericórdia com ele. Disse-lhe Jesus: vai e faze tu do mesmo modo.

Lucas 10:37

O homem bom

Conta-se que Jesus, após narrar a Parábola do Bom Samaritano, foi novamente interpelado pelo doutor da lei que, alegando não lhe haver compreendido integralmente a lição, perguntou, sutil:

— Mestre, que farei para ser considerado homem bom?

Evidenciando paciência admirável, o Senhor respondeu:

— Imagina-te vitimado por mudez que te iniba a manifestação do verbo escorreito e pensa quão grato te mostrarias ao companheiro que falasse por ti a palavra encarcerada na boca.

Imagina-te de olhos mortos pela enfermidade irremediável e lembra a alegria da caminhada, ante as mãos que te estendessem ao passo incerto, garantindo-te a segurança.

Imagina-te caído e desfalecente, na via pública, e preliba o teu consolo nos braços que te oferecessem amparo, sem qualquer desrespeito para com os teus sofrimentos.

Imagina-te tocado por moléstia contagiosa e reflete no contentamento que te iluminaria o coração, perante a visita do amigo que te fosse levar alguns minutos de solidariedade.

Imagina-te no cárcere, padecendo a incompreensão do mundo, e recorda como te edificaria o gesto de coragem do irmão que te buscasse testemunhar entendimento.

Imagina-te sem pão no lar, arrostando amargura e escassez, e raciocina sobre a felicidade que te apareceria de súbito no amparo daqueles que te levassem leve migalha de auxílio, sem perguntar por teu modo de crer e sem te exigir exames de consciência.

Imagina-te em erro, sob o sarcasmo de muitos, e

mentaliza o bálsamo com que te acalmarias, diante da indulgência dos que te desculpassem a falta, alentando-te o recomeço.

Imagina-te fatigado e intemperante e observa quão reconhecido ficarias para com todos os que te ofertassem a oração do silêncio e a frase de simpatia.

Em seguida ao intervalo espontâneo, indagou-lhe o divino Amigo:

— Em teu parecer, quais teriam sido os homens bons nessas circunstâncias?

— Os que usassem de compreensão e misericórdia para comigo — explicou o interlocutor.

— Então — repetiu Jesus com bondade —, segue adiante e faze também o mesmo.

(*Religião dos espíritos*. FEB Editora. Cap. “O homem bom”)

Receita de vida eterna

Tantas vezes encontramos pela frente a Parábola do Bom Samaritano e tantas outras nela encontramos

inesperados ensinamentos.

Repetir costuma cansar, convenhamos. Lições, contudo, existem semelhantes à luz solar que se rearticula, diariamente, criando vida renovadora.

Realmente, a história contada por Jesus expõe a caridade por brilhante divino, com revelações prismáticas de inexprimível beleza.

A atitude daquele cavaleiro desconhecido resume todo um compêndio de bondade.

Enquanto o sacerdote e o levita, pessoas de reconhecido valor intelectual, se afastam deliberadamente do ferido, o samaritano para sensibilizado.

Até aí, o assunto patenteia feição comum, porque nós todos, habitualmente, somos movidos à piedade, diante do sofrimento alheio.

Situemo-nos, entretanto, em lugar do viajante generoso...

Talvez estivesse ele com os minutos contados...

Muito comprehensivelmente, estaria sendo chamado com urgência e teria pressa de atingir o término da viagem...

Provável que fosse atender a encontro marcado...

É possível que atravessasse naquela hora o fim do dia e devesse acautelar-se contra qualquer trecho perigoso da estrada, na sombra da noite próxima...

No entanto, à frente do companheiro anônimo abatido, detém-se e se compadece. Olvida a si mesmo e não pergunta quem é. Interrompe-se. Aproxima-se. Faz pensos e efetua curativos. Para ele, contudo, isso não basta. Coloca-o na montada. Apresenta-o na hospedaria e responsabiliza-se por ele. Além disso, compromete-se sem indagar se está preservando um adversário. Pagará pelos serviços que receba. Vê-lo-á, quando regressar.

Narrando o acontecido, Jesus recordou o comportamento do sacerdote, do levita e do samaritano e perguntou ao doutor da Lei que se interessava pela posse da vida eterna:

— Qual dos três te parece haver amado o próximo, caído em necessidade?

— O que usou de misericórdia para com ele — replicou o interpelado.

— Então, vai — disse Jesus — e faze tu o mesmo.

Segundo é fácil de ver, a indicação para entender a luz da vida eterna, em nós próprios, é clara e simples. Amor ao próximo é o sublime recurso na base de semelhante realização. Mas não basta reconhecer os méritos da receita. É preciso usá-la.

(*Encontro marcado*. FEB Editora. Cap. 23)

Samaritanos e nós

Quem de nós não terá caído, alguma vez, em abandono ou penúria, aflição, amargura, engano ou perturbação?

À face disso, para nós o samaritano da bondade — a criatura que nos reergue ou reanima — será sempre aquela pessoa:

que nos acolhe nos dias de tristeza com a mesma generosidade com que nos abraça nos instantes de alegria;

que nos estima, assim tais quais somos, sem reclamar-nos espetáculos de grandeza, de um dia para

outro;

que nos levanta do chão das próprias quedas para o regaço da esperança, sem cogitar de nossas fraquezas;

que nos alça do precipício da desilusão ao clima do otimismo, sem reprovar-nos a imprevidência;

que nos ouve as queixas reiteradas, rearticulando sem aspereza o verbo da paciência e da compreensão;

que nos estende essa ou aquela porção dos recursos de que disponha, em favor da solução de nossos problemas, sem pedir o relatório de nossas necessidades e compromissos;

que nos oferece esclarecimento, sem ferir-nos o brio;

que nos ilumina a fé, sem destruir-nos a confiança;

que se transforma em harmonia e concurso fraterno, seja em nossa casa, ou no grupo de serviço em que trabalhamos;

que se nos converte no cotidiano em apoio e cooperação, sem exigir-nos tributos de reconhecimento;

que, por fim, se transubstancia, em nosso benefício, em luz e consolação, amparo e bênção.

Detenhamo-nos a pensar nisso e lembrando, reconhecidamente, quantos se nos fazem samaritanos do auxílio e da bondade, nas estradas da existência, recordemos a lição de Jesus e, diante dos outros, sejam eles quem sejam, façamos nós o mesmo.

(*Aulas da vida*. Ed. IDEAL. Cap. 15)

Receita de luz

Realmente a história do bom samaritano, contada por Jesus, expõe a caridade por brilhante sublime oferecendo revelações prismáticas de inigualável beleza.

A atitude daquele peregrino desconhecido resume um tratado de pedagogia, acerca de compreensão e bondade.

Enquanto o sacerdote e o levita, pessoas de reconhecido merecimento intelectual, se desviam deliberadamente do ferido, o samaritano não apenas se detém, mas, também se compadece.

Situemo-nos, porém, no lugar do viajante generoso.

Talvez estivesse ele com os minutos contados...

Muito razoavelmente, estaria sendo aguardado às pressas para a realização de um negócio...

Provavelmente, iria atender a encontro marcado com pessoa querida...

É possível fosse aquela hora a do fim do dia e devesse acautelar-se contra algum trecho perigoso da estrada, nas sombras da noite próxima.

Entretanto, à frente do companheiro anônimo e desfalecido, não somente se emociona.

Esquece-se e diligencia socorrê-lo sem perguntar quem é.

Interrompe-se. Aproxima-se dele.

Faz pensos e efetua curativos.

Para ele, no entanto, tudo isso não basta.

Coloca-o na montaria.

Condu-lo à estalagem e apresenta-o, responsabili-

zando-se por ele.

Pagará pelos serviços que ele venha a receber, sem nem mesmo indagar de si próprio se estaria recuperando um adversário.

Vela por ele.

Vê-lo-á de novo ao regressar.

Narrando a história, assinalou Jesus o comportamento do sacerdote, do levita e do samaritano e inquiriu ao Doutor da Lei que se interessava pela posse da Vida eterna:

— Qual dos três te parece haver amado o próximo caído em desvalimento?

O Doutor respondeu:

— Aquele que usou de misericórdia para com ele.

— Então, vai — disse Jesus — e faze tu o mesmo.

Segundo percebemos, a indicação do divino Mestre para entesourarmos conosco os dons da imortalidade, é simples e clara.

Compaixão é receita de luz para a ascensão da alma aos reinos divinos.

Entretanto, de algum modo se assemelha à prescrição médica em relação à saúde.

Para que ela atinja os efeitos precisos, em nós mesmos, não basta se grave com segurança e precisão no pergaminho de nossos sentimentos.

É preciso nos disponhamos a usá-la.

(Refúgio. Ed. IDEAL. Cap. “Receita de luz”)

Em nossos caminhos

Revisando a Parábola do samaritano, lembramo-nos de que hoje milhares de irmãos nossos sobem do passado em direção do futuro pelos caminhos do presente, desfalecendo, muitas vezes, sob dificuldades e provações que os deixam semimortos:

os que não contavam com as tempestades de renovação da atualidade e se marginalizaram em desequilíbrio;

os que forjaram algemas para o amor transformando-o, logo após, no fogo passional em que se atiraram na delinquência;

os que desertaram do trabalho e tombaram em penúria;

os que converteram a inteligência em antena das trevas e se horizontalizaram, por dentro de si mesmos, nas depressões da culpa;

os que abusaram da misericórdia dos medicamentos pacificadores e, tentando fugir das próprias responsabilidades, se precipitaram em despenhadeiros de alucinação e loucura;

os que perderam a fé em meio das experiências necessárias à evolução e estiraram-se no desânimo, à beira do suicídio;

os que não suportaram a transformação dos seres amados e se acomodaram, revoltados, sobre pedras da angústia;

e aqueles outros que tateiam a lousa, nos parques da saudade, perguntando pelos entes queridos que a morte lhes arredou da convivência, a carregarem o coração encharcado de lágrimas.

À frente de quantos surpreendas na estrada, caídos em sofrimento, interrompe-te para compreender e servir.

Determina a caridade nos situemos no lugar daqueles que necessitam de amparo, doando-lhes o melhor de nós, com a certeza de que provavelmente amanhã serão eles, os socorridos de agora, nossos próprios benfeiteiros.

Entre os companheiros de humanidade que conhecem o campo de trabalho e passam, de longe, com receio de serem incomodados, e aqueles que foram espoliados na coragem de caminhar e na alegria de viver, recordemos o samaritano que se deteve na marcha dos próprios interesses e auxiliou espontaneamente ao próximo sem nada perguntar e, conforme a lição do Cristo, façamos nós o mesmo.

(*Viajor*. Ed. IDE. Cap. 1)

Sugestões da parábola

Habitualmente recorremos à Parábola do Bom Samaritano tão só para exaltar a generosidade daquele viajante de alma nobre, à frente do irmão menos feliz; forçoso, porém, salientar a expectativa humana com as reflexões que o companheiro tom-

bado no infortúnio articulava decerto.

Com que ansiedade aguardaria o socorro preciso!...

Tendo visto o sacerdote e o levita que passaram de largo, possivelmente perguntou a si mesmo de que lhe valeriam a cultura e a preparação espiritual deles se o abandonavam ao próprio desvalimento; e, observando o samaritano que se aproximava, não indagou quem era ele, o que era, o que sabia, o que detinha ou para onde se encaminhava... Com os olhos, suplicou-lhe amparo e, no silêncio do coração, agradeceu-lhe a bênção dos braços estendidos.

A narração de Jesus fala de dois homens evidentemente qualificados para a prestação de serviço, que se deram pressa em se afastar, no resguardo das próprias conveniências, e menciona outro, completamente desconhecido, que se consagrhou ao mister da solidariedade; com isso, o divino Mestre nos conclama a todos para as tarefas do auxílio mútuo.

Bastas vezes, perante os acidentados e espoliados do corpo ou da alma, formulamos escapatórias, no só intuito de sonegar os tributos naturais da fra-

ternidade. Em várias ocasiões, instados ao socorro por aqueles companheiros de experiência que sofrem muito mais que nós, repetimos displicentemente: “quem sou eu?”, “não presto”, “sou um fardo de imperfeições” ou “quem me dera poder!”...

Situemo-nos, porém, no lugar e na angustiosa expectativa do irmão caído na estrada e reconheceremos que Jesus nos espera como somos e como es-

tamos para servir, por quanto, servindo, acabaremos aprendendo que todos somos filhos de Deus e que, se hoje desfrutamos o privilégio de dar, talvez amanhã estejamos com a necessidade de receber.

(*Reformador*, ago. 1969, p. 184)